

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

*Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Interdisciplinares, Faculdade de Letras*

*rcosteiradasilva@gmail.com*

<https://orcid.org/0000-0003-1006-8562>

ALGUMAS PALAVRAS (MAIS) A RESPEITO DE PÚCAROS  
E OUTRAS LOUÇAS DE BEBER DE COIMBRA  
(SÉCULOS XV E XVI)

A FEW (MORE) WORDS ABOUT CUPS  
AND OTHER POTTERY DRINKING VESSELS FROM COIMBRA  
(15TH AND 16TH CENTURIES)

“Conimbriga” LX (2021) p. 291-323

[http://doi.org/10.14195/1647-8657\\_60\\_7](http://doi.org/10.14195/1647-8657_60_7)

Texto recebido em / Text submitted on: 27/01/2021

Texto aprovado em / Text approved on: 04/05/2021

**RESUMO:** Em 1921 a Imprensa da Universidade de Coimbra editava, em formato monográfico, duas obras incontornáveis para o estudo da cerâmica de época Moderna em Portugal. *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal* de Carolina Michaëlis de Vasconcellos e *A cerâmica coimbrã no século XVI* de Joaquim Martins Teixeira de Carvalho reúnem as primeiras referências documentais à produção cerâmica, desde então, repetidamente citadas nos ensaios dedicados a esta temática.

Assinalando os 100 anos destas edições, apresenta-se uma síntese dedicada aos serviços de mesa destinados ao consumo de líquidos ou louças de beber (sobretudo água) em Coimbra durante o século XV e XVI, tendo por base a colecção exumada em escavações arqueológicas realizadas no antigo paço episcopal de Coimbra. Estabelece-se o quadro evolutivo morfo-tipológico regional des-

tas produções que assumem um franco dinamismo a partir dos meados do século XVI.

PALAVRAS-CHAVE: Coimbra; século XV-XVI; cerâmica; púcaros; consumo de água.

ABSTRACT: In 1921 Coimbra University Press published, in monographic format, two crucial works for the study of Modern pottery in Portugal. *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal* (“Some words about Portuguese pottery cups”) by Carolina Michaëlis de Vasconcellos and *A cerâmica coimbrã no século XVI* (“Coimbra’s pottery in the 16th century”) by Joaquim Martins Teixeira de Carvalho gather the first documentary references to pottery production, since then, repeatedly cited in essays dedicated to this subject.

Celebrating the 100th anniversary of these editions, a summary is presented concerning the tableware intended for the consumption of liquids or beverage containers (mostly water) in Coimbra during the 15th and 16th centuries, based on the collection exhumed in archaeological surveys carried out in the old episcopal palace of Coimbra. As a result, the regional morpho-typological evolutionary framework of these productions that notably flourished from the mid-16th century onwards has been established.

KEYWORDS: Coimbra; 15th and 16th centuries; pottery; cups; water consumption.

## ALGUMAS PALAVRAS (MAIS) A RESPEITO DE PÚCAROS E OUTRAS LOUÇAS DE BEBER DE COIMBRA (SÉCULOS XV E XVI)

### **1. A pretexto do centenário (1921-2021) da publicação de duas obras maiores**

Em 1921, a Imprensa da Universidade de Coimbra editava ou, melhor dizendo, reeditava em formato monográfico, duas obras incontornáveis para o estudo da cerâmica de época Moderna em Portugal. Referimo-nos, muito concretamente, à obra de Joaquim Martins Teixeira de Carvalho intitulada *A cerâmica coimbrã no século XVI* e à publicação de *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal* de Carolina Michaëlis de Vasconcellos. A primeira junta os estudos que o autor dedica à produção cerâmica em Coimbra tendo por base a análise da documentação conservada no Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra (particularmente os livros das Vereações). O resultado desta pesquisa, concluído em 1910, começa por ser publicado, em série, na *Revista da Universidade de Coimbra* em 1917 e 1918, sob o nome *A cerâmica coimbrã: séculos XVI e XVII* (CARVALHO, 1917a; 1917b; 1918). Após a saída dos três primeiros artigos, o plano editorial é interrompido por motivos alheios ao próprio (CARVALHO, 1921: 17). Face ao sucedido, o então professor de Estética e História de Arte da Faculdade de Letras e, à época, também administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra, promove a publicação integral do seu trabalho, centrado apenas no século XVI, reiterando o que já havia sido aludido relativamente a esse período e acrescentando um novo apêndice onde desenvolve a problemática do início da produção de faiança em Portugal. Contudo, 2021 marca igualmente o centenário da morte desta figura singular do meio republicano coimbrão, impedindo que outros resultados obtidos a partir da sua incansável e sistemática exploração dos arquivos locais pudessem ser conhecidos. No mesmo ano, “(...) impelida e auxiliada

generosamente pelo *malogrado* director da Imprensa da Universidade, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. J. M. Teixeira de Carvalho” (VASCONCELLOS, 1921: VII), Carolina Michaëlis reedita, numa primeira edição independente e em volume integrado na colecção “Subsídios para a História de Arte Portuguesa”, a segunda obra aqui memorada. Este ensaio sobre os púcaros de Portugal é pela primeira vez publicado em 1905 no volume 6 do *Bulletin Hispanique* como apêndice de um estudo de Alfred Morel-Fatio (*idem*: V) sobre a moda da “bucarofagia” – costume de trincar/comer o barro aromático de que eram feitos os antigos púcaros. A obra é reeditada em 1957 e, novamente, em 1988, espelhando a demanda e o interesse que suscitou e o impacto que teve principalmente dentro da classe dos ceramólogos.

A importância destes contributos para o estudo da cerâmica em Portugal é um dado adquirido. Neles se poderão consultar, entre outros dados, as primeiras referências documentais à produção cerâmica que serão, desde então, repetidamente citadas e mencionadas nos ensaios dedicados ao estudo da cerâmica Moderna em Portugal.

Evocando os 100 anos da edição autónoma dos referidos estudos, apresenta-se uma síntese dedicada a estas louças de beber (sobretudo água) em Coimbra durante o século XV e XVI, tendo por base a colecção exumada no antigo paço episcopal de Coimbra, actual Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC). Aos púcaros e pucarinhos imortalizados por Carolina Michaëlis, acrescentam-se as canecas, copos, taças de beber e cálices também incluídos nos serviços de mesa destinados à ingestão de líquidos. Estabelece-se a associação de determinadas formas a fabricos específicos e propõe-se um quadro evolutivo morfo-tipológico para o arco temporal retratado.

## 2. Enquadramento da colecção: contexto e datação

As intervenções arqueológicas decorrentes do projecto de ampliação e remodelação do MNMC em Coimbra permitiram identificar na ala sul do edifício um depósito de materiais de época Moderna (composto essencialmente por cerâmica), fruto de descarte associado ao antigo paço episcopal desta cidade. As circunstâncias do achado e descrição do contexto (SILVA, 2013; 2019a), bem como a apresentação da colecção cerâmica, maioritariamente composta por cerâmica de produção local em barro vermelho, mas incluindo cerâmica vidrada (SILVA, 2018;

2019b) e faiança (SILVA, 2016), tem vindo a ser abordada faseadamente noutros estudos.

Os contextos estratigráficos de proveniência, de leitura clara e segura, integram-se em quatro fases distintas de deposição, entre os séculos XV e XVI. Considerando a cronologia relativa proporcionada pelos elementos recolhidos (onde se releva o número avultado de numismas – 350) é possível distinguir os níveis da primeira metade do século XV (fase 1), da segunda metade do século XV (fase 2), da primeira metade do século XVI (fase 3) e da segunda metade do século XVI (fase 4). Esta última etapa de estratificação articula-se com a renovação do bloco sul do antigo paço, promovida pelo bispo D. Afonso de Castelo Branco e finalizada em 1592. Este marco cronológico surge aqui valorizado por se assumir como *terminus ante-quem* do referido depósito ou lixeira que, por sua vez, se encontra selada pelo nível das cavalariças do paço.

No presente texto, privilegia-se uma nova abordagem centrada num conjunto funcional específico – o serviço de mesa para ingestão de líquidos – que perpassa fabricos e formas distintas ao longo do referido intervalo temporal. Este representa cerca de 21% (304 NMI – Cf. Tabela 1) da totalidade das peças que compõem a coleção (1454 NMI). O estudo realizado teve como primeiro parâmetro analítico o critério tecnológico. Numa primeira etapa aponta-se individualmente cada fabrico com a ilustração da respectiva panóplia formal, seriado nas fases cronológicas de referência, indicando nalguns grupos as problemáticas associadas. Posteriormente, em jeito de conclusão e tendo por base a categoria funcional dos recipientes, ensaia-se a evolução das principais linhas morfo-tipológicas.

### **3. Os recipientes de beber – abordagem a partir dos fabricos**

O lote em análise é exclusivamente composto por louça de barro vermelho montada a torno, maioritariamente de produção local. As pastas revelam-se compactas, medianamente duras e de aspecto laminar, oscilando entre o depurado e a inclusão de elementos não plásticos de pequeno e médio calibre bem distribuídos. Nestes pontuam o quartzo, a mica, o calcário e, mais esporadicamente, partículas ferruginosas e moscovite. A tonalidade vermelha – alaranjada das pastas certifica uma cozedura em ambiente oxidante, embora se vislumbre, em algumas peças (sobretudo nas fases mais recuadas), a presença de manchas escu-

ras na superfície exterior, fruto das alternâncias de temperatura durante esse processo.

Ao nível dos acabamentos regista-se alguma diversidade, contrariando a uniformidade na aparência visual das pastas. A pluralidade de soluções de tratamento superficial e decoração (nas suas diversas combinações), determinada frequentemente por aspectos morfológicos e funcionais, motivou a criação de sub-grupos. Com efeito, identificaram-se os seguintes acabamentos na cerâmica de pasta vermelha: superfícies alisadas; polimento externo; traços pintados a branco; aplicação de aguada acastanhada; listas verticais brunidas. Destacam-se ainda as séries mais finas, com pastas muito depuradas, onde se distinguem os modelos brunidos, modelados, empedrados e com decoração em alto-relevo. Importa, todavia, desde logo referir que a distribuição percentual dos fabricos em cada fase cronológica pode ser muito desigual. Como se terá oportunidade de analisar, assiste-se a uma fraca diversidade tecnológica nas primeiras três fases, por oposição à Fase 4 onde se observa a ampliação substancial do quadro dos fabricos referenciados.

### 3.1. Recipientes com superfícies alisadas

Optou-se pelo termo alisado, em detrimento da expressão “fosca” utilizada por alguns autores (BARROS *et al.*, 2013: 702), para designar um tipo particular de produções desprovidas de qualquer acabamento específico, exibindo uma aparência final baça e sem brilho. Trata-se do subgrupo mais numeroso de todo o lote (142 NMI) embora, muito significativamente, ausente na fase 4. Facto que se deve ao advento e diversificação dos grupos tecnológicos a partir de meados do século XVI.

Em termos formais, entre os inícios do século XV (fase 1) e meados do século XVI (fase 3) assiste-se ao predomínio dos pucarinhos de duas asas, com pé “tipo bolacha” e colo alto, figurados por peças de diferentes dimensões. Distinguem-se dois grupos proporcionais (FIG. 8-a): os de menor dimensão, mais numerosos, com diâmetro entre os 7-9cm e altura entre os 7,5-9cm (FIG. 1, n.º 1 a 3) e os maiores, menos frequentes, que podem atingir os 15cm de altura (FIG. 1, n.º 4 a 6). Nestes contextos regista-se igualmente, em números inferiores, a presença de púcaros de uma asa de pequena dimensão com bordo ligeiramente extrovertido e corpo canelado (FIG. 1, n.º 10 e 11). Alista-se ainda, em níveis da fase 3, uma caneca de corpo sub-cilíndrico (FIG. 1, n.º 13).

### 3.2. Recipientes com polimento externo

Outro fabrico de cerâmica comum de barro vermelho apresenta superfícies exteriores muito afagadas, polidas, quase brunidas, ostentando um aspecto uniforme lustroso e brilhante. Associa-se a uma única peça – uma caneca alta, de formato subcilíndrico e bordo extrovertido da fase 2 (FIG. 1, n.º 12).

### 3.3. Recipientes com pintura a branco

A cerâmica pintada a branco encontra-se documentada neste local em diferentes contextos de cronologia alto-medieval. No entanto, regista-se igualmente e pela primeira vez a sua presença em níveis tardios, já adentro do século XV e integrados na Fase 1 (SILVA, 2015). Este conjunto, pouco numeroso, é composto por três pucarinhos (ou jarrinhas) de duas asas, colo recto e pé alto com base tipo bolacha, semelhantes ao protótipo de superfícies foscas. A gramática decorativa contempla, traços horizontais pintados sobre o bojo e motivos geométricos, ondulados ou bandas de traços verticais no colo (FIG. 1, n.º 7 a 9).

### 3.4. Recipientes com listas brunidas

A partir de meados do século XVI, surgem as superfícies com listas brunidas que vêm substituir, nos hidrocéramos, o polimento externo dominante nas três fases anteriores. No que respeita, ao consumo de líquidos regista-se a presença de púcaros (43), copos (4) e cálices (2) adstritos à fase 4.

A forma de púcaro mais comum exhibe corpo bojudo, colo curto de paredes divergentes (FIG. 2, n.º 1 a 6) e base espessada e destacada do corpo. Apenas um exemplar com corpo de perfil mais alongado possui pé tipo bolacha (FIG. 2, n.º 7). A típica decoração brunida surge em traços verticais ou oblíquos e, somente nesta forma e raras vezes, sob a forma de reticulados (FIG. 2, n.º 5). Nalguns casos, verifica-se a ocorrência de banda uniforme brunida sobre o bordo e ombro (FIG. 2, n.º 3).

Surge ainda outra forma que, apesar de asada, se optou por designar por copo tendo em atenção a referência de Carolina Michaëlis sobre a existência do “apucarado” que consistia em copos munidos de

asa tal como os púcaros (VASCONCELLOS, 1921: 77, nota 199). Uma das peças apresenta corpo de tendência cilíndrica estrangulado junto ao pé tipo bolacha (FIG. 2, n.º 8 e FIG. 8-f). Os restantes elementos de perfil cilíndrico apresentam asas a arrancar do bordo (FIG. 2, n.º 9). Um outro recipiente é de classificação mais problemática (FIG. 2, n.º 10) devido à modesta dimensão (4,5cm de altura) que levou a que o designemos como pequeno cálice. O mesmo se aplica a um fragmento de pequeno recipiente de paredes rectas divergentes que poderia assentar num pé alto (FIG. 2, n.º 11).

### 3.5. Recipientes com aguada

A obra de Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1921) celebrou um tipo específico de púcaros de mesa de “barro toscano” que se distinguem pela forte cor avermelhada, leveza e porosidade que conferia frescura, bom cheiro e paladar à água que deles se bebia. Estes recipientes, que se começam a destacar no século XVI (CARVALHO, 1921; VASCONCELLOS, 1921: 12-13), são facilmente reconhecíveis entre a panóplia formal deste período. Surgem genericamente integrados, em várias publicações (FOLGADO e RAMALHO, 2000: 41; SANTOS, 2008: 327; TRINDADE, 2013: 533 e 535, entre outros), num grupo designado de cerâmica de engobe vermelho e são apresentados indistintamente e juntamente com o que se tem vindo a denominar como cerâmica comum fina. Afastamo-nos destas classificações. Em primeiro lugar, porque entendemos o engobe como sendo uma substância de argila pastosa ou uma barbotina com alguma espessura, resultando num aspecto acetinado que não se coaduna com o que presenciamos neste tipo particular de fabrico. Do que observamos, estas peças parecem ter sido revestidas, depois de secas, por uma solução diluída ou aquosa dotando-as de uma tonalidade vermelha acastanhada mais franca. Esta “camada delgada de ocre” (VASCONCELLOS, 1921: 51), além de impermeabilizante, poderá, a nosso ver, ser também entendida como técnica de reforço cromático aproximando-se da denominada cerâmica de almagre conhecida desde a pré-história. Esta solução, ao contrário do engobe, permitiria o repetido renovamento artificial da coloração, “raspando” ou roçando a superfície das peças com pedras polidas. Actividade que surge associada a estes “púcaros”, documentalmente apenas adstrita às mulheres, e que se encontra registada em Lisboa desde 1551 (VASCONCELLOS, 1921: 51;



CARVALHO, 1921: 114). Pelo exposto, optamos por apelidar este fabrico de cerâmica de pasta vermelha com aguada.

Por outro lado, a integração deste fabrico no grupo da cerâmica comum dita “fina” pode gerar algumas contradições motivadas, desde logo, pela ambiguidade que este conceito reserva. Poderemos entendê-lo apenas como uma característica particular dos objectos dotados de paredes delgadas ou estreitas ou, ao surgirem repetidamente associadas às séries modeladas e empedradas, como um conjunto de louça de qualidade superior, de selecta elaboração e dirigidas a um público mais distinto. Não concordamos com nenhuma destas categorizações pois, em ambos os casos, parecem não se adequar totalmente à realidade. Primeiro, embora se constate a presença de paredes pouco espessas, estas não diferem de outros fabricos, como os púcaros de listas brunidas, nem se assemelham à finura das séries modeladas. Segundo, porque este seria um fabrico de grande difusão e agremiado à olaria popular. No século XVI, em Portugal, os afamados púcaros estariam indiferentemente presentes nas mesas mais modestas como nas mais endinheiradas (CARVALHO, 1921: 101). A diferença entre o “púcaro do pobre” e o “púcaro do rico” residia essencialmente na quantidade de vezes que seria utilizado, não estando as classes aristocráticas dispostas a mandar roçar as suas superfícies quando estas perdiam a beleza da sua cor vermelha (VASCONCELLOS, 1921: 51). O diminuto valor material destes púcaros é por várias vezes assinalado por Carolina Michaëlis (*Ibid.*: 10) que lhes confere um “preço tão vil” (*Ibid.*: 7) não valendo mais que “uns míseros ceitis” (*Ibid.*: 50). A distinção (quando é feita) entre os púcaros de cunho popular e os de feição mais ilustre obedece a outros padrões. Estes residem, unicamente, na exuberante ornamentação que alguns espécimes podem ostentar. Neste caso concreto, incluem-se os exemplares modelados, empedrados e com decoração em alto-relevo, consideradas “cerâmicas de ostentação” e reservados às classes mais abastadas (VASCONCELLOS, 1921: 53; CARVALHO, 1921: 95-102). No entanto, como veremos, estas produções de fabrico mais cuidado (modeladas ou com aplicação de decoração) revelam a manutenção do gosto pela mesma tonalidade (aguada). Nestes casos, o banho cromático surge já muito atenuado devido à impossibilidade de se poderem agastar estas superfícies irregulares e assim avivar a coloração. Deste modo, em última instância e para alguns casos, a diferenciação poder-se-ia simplesmente estabelecer-se entre peças com aguada, lisas ou com decoração.

Estas produções lisas, com simples aguada, surgem exclusivamente no lote adstrito à fase 4, totalizando 102NMI. Na Taxa dos ofícios dos oleiros de Coimbra, datado de 1573, surgem citados os “púcaros para beber com seu alguidarinho para debaixo e testo” ou os “púcaros de coruchéu com pé” (CARVALHO, 1921: 104 e documento V) que facilmente associamos à forma mais popular e recorrente deste tipo de fabrico – o púcaro. Este surge representado por 48 elementos com colo curto, bordo esvasado (por vezes com canelura a meia altura) e pé saliente tipo “bolacha” (FIG. 3, n.º 5 a 12 e FIG. 8-d).

Como se deduz das passagens anteriormente citadas da taxa dos oleiros de 1573, estes exemplares articulam-se com outros elementos complementares. Os mais vulgares são os testos ou tampas designadas de coruchéu por se assemelharem a um zimbório (CARVALHO, 1921: 114). Foram identificados 9NMI (FIG. 3, n.º 1 a 4) que, de resto, se assemelham a outros bastante comuns noutros locais como Lisboa, no edifício do Aljube (SANTOS, 2008: 335, FIG. 7 – n.º 29) ou em outros pontos desta cidade (FERREIRA, 1995: 160, est. 7 – n.º 2 e 3; DIOGO e TRINDADE, 2003: 213, FIG. 8 – n.º 47). No mesmo trecho daquele documento menciona-se o “alguidarinho” que seria colocado debaixo do púcaro (Fig. 8-c). Não dispomos de elementos descritivos suficientes para conseguir determinar, com certeza, a que forma corresponde aquela designação. No entanto, destaca-se a recolha de 7 pratéis (FIG. 3, n.º 13 a 17) que facilmente poderiam desempenhar aquela função, servindo de pires ou base aos púcaros. Estes pratos baixos, de pequena dimensão (raramente ultrapassam os 14cm de diâmetro), podem apresentar aba horizontal (FIG. 3, n.º 13 e 14) ou soerguida (FIG. 3, n.º 15 a 17).

Outro dos tipos mais representados (20NMI) são as taças de duas asas, baixas, largas e de paredes rectas (FIG. 3, n.º 18 a 20 e FIG. 8-b). Uma destas peças distingue-se por apresentar pé alto (FIG. 3, n.º 21) e outra, com pé destacado, evidencia-se por apresentar corpo com paredes curvas (FIG. 3, n.º 22).

Por fim, destaca-se a presença de 18 pés altos com base tipo “bolacha” (FIG. 3, n.º 24). Embora não tenha sido possível reconstituir nenhum perfil completo, deverão pertencer a algumas copas de paredes curvas (FIG. 3, n.º 23) que associamos a cálices ou copos com pé. Exemplares semelhantes surgem normalmente decorados (SANTOS, 2008: 331 e 332, FIG. 4), sendo abordados adiante. Como veremos, algumas das formas representadas neste grupo serão escolhidas para novas versões melhoradas ou decoradas integradas no que se designará

por cerâmica fina (séries modeladas e empedradas). Para além de se constatar uma afinidade com os perfis básicos, verifica-se a manutenção das superfícies aguadas de cor “rubra” que caracterizam este fabrico. Curiosamente, somam-se as publicações referentes aos fabricos finos onde constam vários objectos semelhantes aos da nossa coleção, oriundos de várias proveniências. Por outro lado, as séries lisas encontram-se praticamente omissas nos estudos consultados. Perante o actual estado dos conhecimentos, atribuímos, para já, esta ausência a um mero acaso ou à falta de interesse dos investigadores que preferencialmente se debruçam sobre os elementos ornamentados que surgem a par com estas produções.

### **3.6. Recipientes em cerâmica comum fina e decorada**

Nos últimos anos, tem-se convencionado designar por cerâmica comum fina de Época Moderna (FOLGADO e RAMALHO, 2000; SANTOS, 2008; ETCHEVARNE, 2011; TRINDADE, 2013; RODRIGUES, 2017, entre outros) um grupo singular de louça de mesa que comunga de algumas características particulares como a pasta vermelha compacta e depurada, o tom ocre das superfícies aguadas ou brunidas, a fina espessura das paredes e, sobretudo, o forte apelo estético conferido pela profusa decoração que algumas peças ostentam. Por sua vez, este conjunto de elevado requinte e qualidade de acabamentos é amiúde decomposto em subgrupos de acordo com as técnicas decorativas aplicadas. Incluem-se, neste caso, as séries modeladas, empedradas, as peças com decoração em relevo ou com engobe brunido. Apesar da generalizada aceitação que aquele conceito tem merecido (RODRIGUES, 2017) e que nos levou a utilizá-lo, julgamos que é ainda vago, ambíguo e que necessita de alargada revisão. Em primeiro lugar, poderá levar o observador mais incauto a tratar todo este grupo como uma produção tipologicamente relacionável, interpretação que, a nosso ver, merece cautela. Embora se demarque facilmente do vasto conjunto que compõe a restante cerâmica comum, é constituído simultaneamente por peças que consoante o subgrupo comportam singularidades e soluções técnicas diversificadas. Na grande maioria dos casos partilham das características enunciadas, mas nem todos os exemplares são de pequena dimensão ou têm uma aparência frágil, paredes pouco espessas, cor superficial avermelhada ou decoração elaborada.

Por outro lado, a profusa decoração observada na maior parte destes objectos levou a que alguns autores apelidassem este conjunto de cerâmicas “barrocas” (FERREIRA, 1995; ETCHEVARNE e SARDINHA, 2007). A nosso ver, esta designação poderá ser igualmente enganadora uma vez que assenta em pressupostos que, de acordo com o actual estado dos conhecimentos, poderão ser facilmente contestados. Aqueles investigadores interpretam este grupo cerâmico como uma representação da estética barroca no quotidiano doméstico, por alegadamente não procederem de uma tradição anterior às representações de várias naturezas-mortas seiscentistas onde surgem recorrentemente associadas a outros objectos de grande requinte como os vidros, a ourivesaria, a porcelana e a faiança. Entre a iconografia citada torna-se incontornável a obra de Josefa de Óbidos (*Josepha d’Ayalla*) em Portugal (SERRÃO, 1993), mas também de vários bodegões da vizinha Espanha (RAMALHO e FOLGADO, 2002: 254-255 e 268) onde surgem reproduzidos os mesmos materiais exumados em contexto de escavação. Os primeiros trabalhos que abordam a descrição e interpretação deste tipo de espólio debruçam-se sobretudo sobre colecções que se encontravam depositadas em museus e desarreigadas de informação relativa aos contextos primários de proveniência. Por esse motivo, aqueles investigadores encontraram junto das referidas representações iconográficas uma base de apoio para lhes conferir uma cronologia geralmente atribuível ao século XVII e assim integrá-las no universo artístico barroco. Na verdade, estas cerâmicas parecem ter colhido grande aceitação entre as classes mais privilegiadas durante o século XVII. No entanto, tem-se multiplicado o registo do seu aparecimento em níveis datados desde meados do século XVI e que indicam claramente uma tradição anterior à que se propalava. Deste modo, acercamo-nos da tese apresentada por M. Ramalho e D. Folgado (2002: 256), que as aproxima esteticamente do maneirismo, tendo também em conta a duradoura influência deste movimento e a entrada tardia do complexo cultural barroco em Portugal. Apesar da dificuldade na definição daquele estilo e em linhas gerais, julgamos contemplar uma valorização da originalidade e das interpretações individuais que na escultura, ourivesaria, vidraria ou azulejaria daquele período se caracterizam pelo dinamismo e complexidade das formas ou pelo artificialismo e elegância no tratamento dos seus temas que acaba igualmente por se transpor para a produção cerâmica. Admitimos, por fim, que peças mais antigas se associem ao maneirismo e outras, mais tardias, se possam filiar no filão estético barroco, sendo verdadeiramente pro-

blemático, quer pela forma quer pela decoração, diferenciarem-se com clareza umas das outras.

Tem-se vindo a assumir que estas louças de qualidade superior e de forte cunho classicizante, nomeadas até como cerâmica comum erudita (FOLGADO e RAMALHO, 2000: 47), são destinadas a uma clientela mais selecta, a uma elite com maior poder económico e culturalmente proeminente. Este discurso é veiculado desde os primeiros estudos que abordam esta temática, considerando-as “cerâmicas de ostentação” de usufruto exclusivo das classes mais abastadas (VASCONCELLOS, 1921: 53; CARVALHO, 1921: 95-102). De facto, o registo arqueológico parece, por enquanto, comprovar este entendimento. Os testemunhos mais significativos, particularmente de lotes cerâmicos modelados ou com decoração relevada, são provenientes de centros urbanos e sempre relacionados com uma elite social, regularmente arrolados a áreas conventuais. É o caso das colecções procedentes de espaços religiosos como os conventos de Santa Clara de Moura (REGO e MACIAS, 1993), S. Francisco de Lisboa (RAMALHO e FOLGADO, 2002), Nossa Sra. da Piedade de Cascais (CARDOSO e RODRIGUES, 2002), S. Francisco de Alferrara em Palmela (FERNANDES e CARVALHO, 2003), Cristo em Tomar (FERREIRA, 1994), Santana em Lisboa (SARDINHA, 1990-92), Santana em Leiria (TRINDADE, 2013), Santo António de Ferreirim em Lamego (LARRAZABAL GALARZA, 2013), Santa Clara-a-Velha em Coimbra (LEAL e FERREIRA, no prelo) e Casa do Brasil em Santarém, provavelmente relacionada com o antigo convento dos Agostinhos (FOLGADO e RAMALHO, 2000) entre outros. A este leque deveremos associar outro tipo de ambientes citadinos e de referência entre as elites sociais como o próprio Paço Episcopal de Coimbra, a Casa do Infante no Porto (REAL *et al.*, 1995: 183-184), antigo edifício da Alfândega daquela cidade e o edifício do Aljube em Lisboa, em meados do século XVI, durante o período em que estaria ocupado por eclesiásticos (SANTOS, 2008: 326). Para além destes, verifica-se a presença do mesmo tipo de vestígios em sítios arqueológicos fora do território português onde se demonstra novamente a relação com grupos sociais de grande poder aquisitivo como é o caso das residências nobiliárquicas localizadas na Praça da Sé em Salvador da Baía no Brasil (ETCHEVARNE, 2011) ou os locais habitados por mercadores enriquecidos e estabelecidos em grandes centros europeus como Amesterdão (BAART, 1992) e Flandres (BARTELS, 2003).

A “cerâmica comum fina e decorada” exumada encontra-se nos níveis que compõem a fase 4 (2ª metade do século XVI) e constitui-se

como um pequeno lote que representa cerca de 4% da totalidade do universo cerâmico exumado neste depósito (57 NMI). O grupo é composto, quase em exclusivo, por louça de mesa destinada ao serviço e consumo de líquidos (particularmente água), mas também de alimentos semilíquidos ou cremosos (doces) ou servindo apenas como elementos decorativos como transparece das fontes iconográficas já mencionadas. Este conjunto foi dividido em quatro subgrupos de acordo com as técnicas decorativas aplicadas: cerâmica com decoração em alto-relevo; cerâmica modelada; cerâmica empedrada; e cerâmica brunida ou com engobe brunido.

### *3.6.1. Cerâmica com decoração em alto-relevo*

O exemplar mais emblemático deste tipo de produção cerâmica é a peça com decoração relevada de inspiração renascentista, com data gravada de 1558 (PAIS *et al.*, 2007: 22 e 26), pertencente à coleção do MNMC e encontrada por António Augusto Gonçalves “na abóboda de uma capela do claustro de Santa Cruz” em Coimbra conjuntamente com outra semelhante, mas não datada, conforme registado no Livro I de Inventário daquele museu (referente aos anos 1915-1916). Para isso contribuiu não só o destaque concedido na obra de J. Teixeira de Carvalho (1921: 95-103), mas também o excelente estado de conservação e a singular e complexa ornamentação. Reúnem-se neste objecto todos os motivos decorativos que caracterizam este grupo classicizante e que exalta, em primeira instância, a herança greco-romana: medalhões de efígies clássicas ou cariátides, alternando com máscaras e grinaldas de flores, ligados por lineamentos incisos. Através desta peça fica, mais uma vez, patente a inspiração em originais de metal nobre (ourivesaria) usados pelas classes aristocráticas até ao século XVI, época em que o uso de exemplares em barro se alarga a todas as classes sociais (VASCONCELLOS, 1921: 53). Outro pormenor relevante é a tripla gravação da data 1558 que atesta, sem margem para dúvidas, que estes faustosos recipientes marcavam já presença destacada nos serviços de mesa de certas elites sociais nos inícios da 2ª metade do século XVI. Aproveitando a ocasião, apresenta-se o desenho destes exemplares (FIG. 4, n.º 1 e 2), até aqui designados por púcaros mas que, na realidade, dada a ausência de asa e a tipologia da base, se nos afigura mais correcto classificar de cálice ou copo de pé alto.

É escassa a produção bibliográfica disponível sobre estes fabri-

cos com decoração figurativa aplicada. Aos exemplos citados, pode-se juntar uma taça do convento de Santo António de Ferreirim (Lamego) (LARRAZABAL GALARZA, 2013) e outros objectos provenientes dos mosteiros de S. João de Tarouca (CASTRO e SEBASTIAN, 2011: 88) ou Almada (CASIMIRO e NEWSTEAD, 2019: 151, FIG. 11). Em Coimbra, conhecem-se os elementos recolhidos em Santa Clara-a-Velha (LEAL e FERREIRA, no prelo) e no Convento Velho de S. Domingos (inédito – FIG. 4, n.º4).

No MNMC, embora não tenha sido possível reconstituir nenhum perfil completo, distinguem-se dois exemplares de cálices ou copos de pé alto com decoração relevada semelhantes às versões lisas com aguada já referidas. Observa-se, no arranque das copas, a presença de grinaldas de flores em alto-relevo que se conjugam com motivos vegetalistas incisos em repetição linear alternada (FIG. 4, n.º 3).

### 3.6.2. *Cerâmica modelada*

O gosto por uma olaria de aspecto grácil, sumptuoso e frágil evidenciado pelas paredes finas que surgem virtuosamente onduladas num jogo de superfícies contrastantes, ora convexas ora côncavas, pontualmente contíguas e alternadas, encontra-se claramente presente na cerâmica que apelidamos de modelada. Empregamos este termo tendo por base toda a argumentação já apresentada por Maria Ramalho e Deolinda Folgado (2002: 251-252) e em detrimento da designação moldada (ou feita a molde) que vários autores insistem, ainda hoje, em utilizar. São as séries modeladas que figuram mais frequentemente nas já referidas naturezas-mortas ibéricas seiscentistas, numa evocação do seu contexto de uso doméstico. Como facilmente se percebe, caracterizam-se essencialmente pela faustosa ornamentação, executada principalmente através de pressões nas paredes das peças com os dedos, registando-se igualmente formas com gomos e boleados que tentam reproduzir os trabalhos em metal nobre. A decoração é, em termos técnicos, simples, mas quando profusamente aplicada pode configurar padrões de elevada complexidade. Além da modelação observa-se a ocorrência de incisões, caneluras, excisões e punções.

Para além da decoração, outra das particularidades da cerâmica modelada é o primor reservado ao tratamento superficial das peças. O lote em estudo é composto por 14 exemplares que revelam alguma diversidade neste ponto. De facto, verifica-se a aplicação de aguada em 10 destas peças e contabilizam-se outras quatro com superfícies brunidas.

Entre a cerâmica modelada com aguada contam-se sete taças de duas asas, dois púcaros e um elemento de classificação duvidosa. O tipo de taças mais repetido (5NMI) assenta no modelo base já referenciado na série da cerâmica lisa com aguada e reporta-se a peças de paredes verticais, duas asas e base plana (FIG. 5, n.º 1 a 4). A decoração surge normalmente no bojo, delimitada por caneluras, distinguindo-se dois padrões. O primeiro pauta-se por sequência de depressões ou impressões circulares (3NMI – FIG. 5, n.º 1 a 3 e FIG. 8-e). O outro padrão decorativo, mais simples, consiste na aplicação de depressões alongadas e horizontais no bojo (FIG. 5, n.º 4).

As restantes duas taças são modelos únicos e revelam, mais uma vez, a singularidade deste tipo de peças (FIG. 5, n.º 11 e 12). Este tipo de taça com bordos muito trabalhados e ondulações poderá também estar associado ao serviço de alimentos cremosos (como doces e mel).

Dois perfis aproximam-se mais dos púcaros. O primeiro apresenta colo contracurvado e uma ou duas asas na parte inferior do corpo modelado com gomos oblíquos (FIG. 5, n.º 5). O segundo exhibe colo alto e vertical, decorado por banda de impressões ovais e de onde arrancam duas asas assentes no bojo (FIG. 5, n.º 6). Na base, fracturada, denota-se o arranque de um pé. Por fim, e entre os objectos modelados com aguada, destaca-se pelo ineditismo da sua forma, contornos e padrão decorativo, uma peça de classificação incerta. Apresenta um corpo alto e estreito profusamente decorado, bordo reentrante e pé desenvolvido (FIG. 5, n.º 13). Não é certa a sua integração no serviço de consumo de líquidos podendo corresponder a uma jarra (porventura de flores).

O conjunto modelado com acabamento brunido é composto por quatro púcaros. Todos apresentam bordo cintado e pé desenvolvido (FIG. 5, n.º 7 a 10 e FIG. 8-h). A decoração ocorre sob a forma de gomos oblíquos, impressões circulares, linhas incisadas e unguiações.

### *3.6.3. Cerâmica empedrada*

Entre a cerâmica fina destaca-se ainda o grupo das peças empedradas, também designadas por pedradas ou apedradas (CARNEIRO, 1989: 5), peculiar expressão decorativa que se alcança por incrustação de pequenos fragmentos de quartzo na espessura das paredes. Esta técnica de ornamentação original e de origem portuguesa (CARNEIRO, 1989: 22, nota 10; SARDINHA, 2013: 795) é sobejamente conhecida, contribuindo para a sua divulgação o facto de ter sobrevivido até hoje em alguns



centros oleiros alto-alentejanos como Estremoz e Nisa, aos quais é, invariavelmente, associada. Embora se encontre referenciada em algumas fontes literárias e identificada em diversos registos arqueológicos desde os inícios do século XVI ou representada em várias naturezas-mortas seiscentistas (já citadas), o actual estado dos conhecimentos não permite elucidar por inteiro certos aspectos concernentes à sua cronologia e centros de produção, origem, dispersão geográfica e desenvolvimento até à actualidade. A investigação arqueológica pouco tem contribuído para a desmistificação desta temática que, também, não cabe aqui ser desenvolvida.

No lote em apreço, este fabrico exclusivo da fase 4 contempla apenas três peças (entre os 23 exemplares identificados) que se poderão incluir categoricamente na classe funcional aqui retratada. Referimo-nos, concretamente, às taças de beber de duas asas (FIG. 6, n.º 1 e 2 e FIG. 8-g) que decalcam o modelo já descrito para as cerâmicas lisas com aguada. Uma das peças do conjunto é de difícil classificação. Trata-se de uma taça hemisférica assente em pé alto, com bordo ligeiramente extrovertido e perfurado no arranque de apêndice em meia cana (FIG. 6, n.º 3 e FIG. 8-i/j). Uma hipótese que se nos afigura é poder ser uma taça de beber para pessoas acamadas, com limitação de movimentos na cabeça ou pescoço.

Todas as peças apresentam decoração com incrustação de pedras de quartzo nas paredes, associada a incisões e/ou aplicação plástica de pequenos relevos acrescentados em forma de botão, por sua vez adornados segundo a técnica de “areado” e com pedra central embutida.

#### 3.6.4. *Cerâmica brunida ou com engobe brunido*

Recolheram-se 10 indivíduos que incluímos no grupo das cerâmicas finas brunidas. A análise pormenorizada das características tecnológicas levou-nos a distinguir dois subgrupos. Diferenciaram-se as peças com superfície simplesmente brunida, dos exemplares revestidos com engobe vermelho-escuro brunido de aspecto próximo ao das genuínas *sigillatas* romanas (e que levou mesmo alguns autores a designar certas produções por “*terra sigillata portuguesa*” (BAART, 1992)).

As primeiras, no total de oito exemplares, distanciam-se igualmente destas “pseudo-sigillatas” por apresentarem uma tonalidade cromática que varia entre o castanho claro e castanho alaranjado. Exceptuando um púcaro de corpo largo e pequena dimensão (FIG. 7, n.º 1) da Fase 3,

os restantes elementos procedem dos níveis da Fase 4 e correspondem a púcaros (ou canecas) com pé destacado (FIG. 7, n.º 2 e 3).

Contabilizaram-se 5 indivíduos das vulgarmente denominadas “pseudo-sigillatas” com revestimento de barbotina espessa de tom vermelho tijolo e brilhante. Não foi possível reconstituir nenhum perfil completo. Sobressai uma taça com pé tipo bolacha onde foram associados padrões incisos de temática vegetalista estilizada no seu interior (FIG. 7, n.º 4). Peças com fabrico semelhante têm vindo a ser identificadas especialmente em contextos datados do século XVII, de que são exemplo os espécimes recolhidos no Convento de Santa Clara-a-Velha em Coimbra (RODRIGUES, 2008), Casa do Brasil em Santarém (FOLGADO e RAMALHO, 2000: 54, n.º 13 e 55, n.º 14), Convento de Sant’Ana em Lisboa (ETCHEVARNE e SARDINHA, 2007: 369, n.º Etno 543) e Abrantes (PORTOCARRERO, 2014: 91).

#### **4. Beber em recipientes de barro – evolução morfo-tipológica entre o século XV e XVI**

A análise do conjunto destinado à ingestão de líquidos numa perspectiva diacrónica, expõe inequivocamente a clivagem entre duas realidades distintas. Até meados do século XVI documenta-se a manutenção de perfis arcaizantes de tradição anterior, assistindo-se a partir daqui (fase 4) a uma cisão com a realidade antecedente (Cf. Tabela 1 e FIG. 9). Essa ruptura verifica-se, a nível tecnológico, pelo desaparecimento de produções de pasta vermelha alisada (que prevalecem até à Fase 3) e pela eclosão de novos fabricos. A partir da 2ª metade do século XVI, do ponto de vista morfológico, destaca-se o desaparecimento dos pucarinhos de duas asas, que compunham o grupo formal mais significativo nos períodos precedentes, e a introdução de modelos originais (FIG. 9). Estas alterações deverão relacionar-se com a difusão do uso de novos recipientes de barro que conferiam uma outra frescura e paladar à água que deles se bebia e que se começa a generalizar a partir do século XVI (CARVALHO, 1921; VASCONCELLOS, 1921: 12-13) entre todas as classes sociais – os púcaros.

**Tabela 1** – Quantificação e distribuição dos serviços de mesa (consumo de líquidos) por fabrico e fases cronológicas.

Serviço de mesa - líquidos Forma	Fabricos	Fases				Total	
		I	II	III	IV		
<b>Púcaros de uma asa</b>	Superfície alisada	2	6	1	-	9	111 36,5%
	Listas brunidas	-	-	-	43	43	
	Superfície com aguada	-	-	-	48	48	
	Cerâmica fina brunida	-	-	1	4	5	
	Cerâmica modelada	-	-	-	6	6	
<b>Pucarinhos de duas asas</b>	Superfície alisada	61	54	17	-	132	135
	Com pintura a branco	3	-	-	-	3	44,4%
<b>Taças de duas asas</b>	Superfície com aguada	-	-	-	20	20	30 9,9%
	Cerâmica modelada	-	-	-	7	7	
	Cerâmica empedrada	-	-	-	3	3	
<b>Canecas</b>	Superfície alisada	-	-	1	-	1	2
	Com polimento externo	-	1	-	-	1	0,7%
<b>Copos</b>	Listas brunidas	-	-	-	4	4	4 1,3%
<b>Cálices</b>	Listas brunidas	-	-	-	2	2	22 7,2%
	Superfície com aguada	-	-	-	18	18	
	Cerâmica com decoração relevada	-	-	-	2	2	
		66	61	20	157	304-100%	

Tal como referido, os pucarinhos de duas asas e pé “tipo bolacha” dominam por completo a baixela associada à ingestão de líquidos até meados do século XVI (Fase 3), representando 91,8% (135NMI) dos recipientes identificados neste período e destinados a este fim. Estas peças, também designadas por jarrinhas, não revelam evolução morfológica significativa ao longo das etapas cronológicas analisadas. Apenas se distinguem dois formatos proporcionais, sendo mais comuns os exemplares de volume mais modesto que os de maior capacidade. São produções de pasta vermelha alisada, tendo sido identificados na Fase 1 três exemplares, de maior dimensão, com pintura a branco. Esta forma compreende uma larga diacronia, podendo recuar ao século XII ou época almóada (TORRES *et al.*, 1991: 530, n.º 85 e 86 e 531, n.º 90). Em Lisboa, foram identificadas no castelo de S. Jorge em níveis da 2ª metade do século XII–XIII (GOMES *et al.*, 2005: 224 e FIG. 10, n.ºs 3 e 4), do

século XIV (GOMES *et al.*, 2009: 960, FIG. 7) e do século XV-1ª metade do século XVI (GASPAR *et al.*, 2009: 657, FIG. 9, n.º 5). Também nesta cidade parecem começar a entrar em desuso a partir do 1º terço do século XVI (DIOGO e TRINDADE, 2000: 208-209), embora tenham sido predominantes desde meados do século XI (GOMES *et al.*, 2005: 234).

Devemos sublinhar, mais uma vez, a natureza multifacetada do púcaro de uma asa, atribuível ao trem de cozinha e mesa. Um dos factores atendidos nesta diferenciação foi a presença ou ausência de marcas de fogo (fuligem). No entanto, no livro de cozinha da infanta D. Maria, o púcaro surge várias vezes mencionado como recipiente utilizado na cozinha, não para ir ao lume, mas como unidade de medida de água ou de mel (GOMES, 1996: 102). De qualquer modo, estamos seguros da compartimentação efectuada que assentou nas características morfológicas e tecnológicas dos indivíduos.

Os púcaros têm uma representação muito modesta (9NMI) nos conjuntos anteriores à Fase 4. Assinala-se apenas um modelo com base saliente de pasta vermelha alisada. A partir de meados do século XVI assiste-se a um aumento considerável destes recipientes (101NMI) que passam a liderar, durante a Fase 4 (64,3%), esta categoria funcional. Por outro lado, assiste-se a um aumento muito expressivo de variações tipológicas relacionado com o advento de novos fabricos. Destaca-se a preferência pelas produções com listas brunidas (43NMI) e com aguada (48NMI). Regista-se, ainda, a sua presença entre as séries finas brunidas (5NMI) e modeladas (6NMI).

A monotonia formal patente neste serviço até meados do século XVI, composto essencialmente por pucarinhos (de duas asas), é ainda quebrada pela recuperação de duas canecas. Um dos exemplares, com polimento externo, foi recolhido nos níveis da Fase 2. O outro, identificado na Fase 3, tem superfícies alisadas e assemelha-se a uma forma encontrada no estuário do Tejo (datada dos séculos XV-XVI – SILVA, 2003: 41) e em Cascais em níveis compreendidos entre os séculos XII-XV (CARDOSO e RODRIGUES, 1991: pr. 2, n.º 17). Contudo, qualquer dos modelos representados distancia-se claramente dos tipos coetâneos mais comuns e conhecidos no castelo de S. Jorge em Lisboa (GASPAR *et al.*, 2009: 657, FIG. 8), Évora (TEICHNER, 2003: 515, FIG. 9, n.ºs 3, 4 e 5) ou Ria de Aveiro A (formas 8 e 9 – Alves *et al.*, 1998: 194).

Como se tem vindo a sublinhar, a partir de meados do século XVI assiste-se à aparição e preferência por novos fabricos que acompanham a introdução de novas formas que complementam a baixela destinada

à ingestão de líquidos (Cf. Tabela 1 e FIG. 9). Entre estas, adquirem especial relevo as taças de paredes rectas e duas asas (30NMI) com superfícies lisas revestidas com aguada (20NMI) ou decoradas por modelação (7NMI) ou empedrado (3NMI). Regista-se, de igual modo, a adopção de peças de pé alto (22NMI) que se convencionou designar por cálices ou copos altos com pé. Surgem preferencialmente em produções lisas com aguada (18NMI), tendo-se identificado a presença de artefactos mais requintados com decoração relevada (2NMI) ou com listas brunidas (2NMI). Por fim, note-se a existência de copos munidos de asa (4NMI), com listas brunidas, também designados por “apucarados” (VASCONCELLOS, 1921: 77, nota 199).

## 5. Em síntese

Ao nível dos vasos de beber verifica-se uma ruptura drástica em meados do século XVI relativamente aos padrões até aqui constatados. A diversidade e quantidade do lote analisado assim o permite documentar. Desaparecem os modelos mais arcaicos e assiste-se à emergência de novos fabricos articulados com a aparição de novas formas dominantes (FIG. 9). As novas produções serão decisivas na diversificação, principalmente, do serviço de mesa. Destaca-se a introdução da cerâmica com aguada e das séries finas (brunidas, modeladas e empedradas) na louça associada à ingestão de líquidos. Para tal, terá contribuído, a partir de meados do século XVI, a difusão entre todas as classes sociais do uso preferencial de “humildes” recipientes em barro para saborear a água (CARVALHO, 1921; VASCONCELLOS, 1921: 12-13).

O largo estendal de louça que caracteriza esta fase final do século XVI é revelador de um certo requinte à mesa constatado pela presença de peças cerâmicas de perfil elaborado e fino recorte, até então não observado. A este facto não será indiferente a estadia de D. João III (em 1550) e D. Sebastião (em 1570) na residência episcopal de Coimbra (PACHECO, 2009: 356). Esta informação demonstra que o Paço deveria ter não só as comodidades exigidas como também dispor de um conjunto de utensilagem e serviço de mesa adequado a tão ilustres convivas. Parece provável que o período de utilização do lote dos níveis adstritos à Fase 4 coincida com a prelatura de D. Manuel de Meneses, antecessor de D. Afonso de Castelo Branco que assume funções em 1585. Curiosamente, no inventário dos bens móveis daquele bispo redigido em 1578

(DIAS, 2002), logo após a sua morte na refrega de Alcácer-Quibir para onde seguiu como enfermeiro-mor de D. Sebastião, não consta referência à utensilagem cerâmica que certamente deveria existir no Paço, muito embora se mencione a presença de vários equipamentos (tachos, bacias, funis, caldeirões) de cobre e latão (*Ibid.*: 377). Não deixa de causar alguma perplexidade a total omissão da utensilagem cerâmica, inclusivamente de peças importadas e de cerâmica dita fina. Porém, trata-se de uma situação constatada noutros documentos similares, como o inventário dos bens de D. Beatriz (ARNAUT, 2000: 44-45 e 62-65). Ou seja, apesar do apelo estético e artístico de alguns exemplares, foi já várias vezes demonstrado que, numa casa abastada, embora imprescindível, a cerâmica teria um valor reduzido ou seria facilmente substituível. Este aspecto destoa, nitidamente, da atenção que lhe dedicamos e da relevância que poderá assumir ainda nos dias de hoje. Circunstância essa que não macula, contudo, o significado social e cultural destes objectos cujo repertório expressa, numa dimensão vernacular, os movimentos artísticos dominantes e a convocatória de novas esferas culturais emergentes. À sua maneira, estes recipientes cerâmicos traduzem também o pulsar de novas correntes ideológicas e estéticas que irrompem ao longo da época Moderna. Manifestam, de forma subtil, uma ruptura com os velhos modelos de inspiração medieva e a adopção de padrões de originalidade e exuberância, fruto de um período de renovação como é o século XVI.

Afinal, parece certo que, passado um século da edição das obras aqui evocadas, haverá ainda umas quantas “palavras” a acrescentar “a respeito de púcaros de Portugal”.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Francisco J. S.; RODRIGUES, Paulo; GARCIA, Catarina; ALELUIA, Miguel (1998) – A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV Ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar, *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*, Tondela, pp. 185-210.
- ARNAUT, Salvador Dias (2000) – *A arte de comer em Portugal na Idade Média*, Sintra: Colares.
- BAART, Jan M. (1992) – Terra sigillata from Estremoz, Portugal, in GAIMSTER, David and REDKNAP, Mark (ed.), *Everyday and exotic pottery from Europe C. 650-1900*, Oxford Books, pp. 273-278.
- BARROS, Luís; BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme; GONZALES, António (2013) –

- A olaria renascentista de Santo António da Charneca – Barreiro, in *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa, pp. 699-710.
- BARTELS, Michiel H. (2003) – A cerâmica portuguesa nos Países Baixos (1525-1650): uma análise sócio-económica baseada nos achados arqueológicos, *Património – estudos*, Lisboa, 5, pp. 70-82.
- CARDOSO, Guilherme e RODRIGUES, Severino (1991) – Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais, in *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Mértola, pp. 575-585.
- CARDOSO, Guilherme e RODRIGUES, Severino (2002) – Conjunto de peças de cerâmica do século XVII do Convento de N.ª Sr.ª da Piedade de Cascais, *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana de Almada*, Almada, pp. 269-288.
- CARNEIRO, Eugénio Lapa (1989) – *Empedrado, Técnica de decoração cerâmica*, Fichas de Olaria, 1, Barcelos: Museu da Olaria.
- CARVALHO, J. M. Teixeira de (1917a) – A cerâmica coimbrã: séculos XVI e XVII, *Revista da Universidade de Coimbra*, VI, n.º 1 e 2, pp. 183-241.
- CARVALHO, J. M. Teixeira de (1917b) – A cerâmica coimbrã: séculos XVI e XVII, *Revista da Universidade de Coimbra*, VI, n.º 3 e 4, pp. 422-468.
- CARVALHO, J. M. Teixeira de (1918) – A cerâmica coimbrã: séculos XVI e XVII, *Revista da Universidade de Coimbra*, VII, n.º 5 e 6, pp. 127-167.
- CARVALHO, J. M. Teixeira de (1921) – *A cerâmica coimbrã no século XVI*, Coimbra: Imprensa da Universidade.
- CASIMIRO, Tânia e NEWSTEAD, Sarah (2019) – 400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal, *Ophiussa*, 3, pp. 145-154.
- CASTRO, Ana Sampaio e SEBASTIAN, Luís (2011) – Cerâmicas vermelhas finas não-vidradas do Mosteiro de S. João de Tarouca, *Oppidum-Revista de Arqueologia, História e Património*, Lousada, 5, pp. 85-100.
- DIAS, Pedro (2002) – O Inventário dos Bens Móveis do Bispo de Coimbra D. Manuel de Meneses feito em 1578, *Arquivo Coimbrão*, Coimbra, vol. XXXV, pp. 353- 385.
- DIOGO, A. M. Dias e TRINDADE, Laura (2000) – Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correiros, Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 3-2, pp. 201-235.
- DIOGO, A. M. Dias e TRINDADE, Laura (2003) – Cerâmicas de barro vermelho da intervenção arqueológica na calçada de São Lourenço, n.ºs 17/19, em Lisboa, *Actas das 3ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Porto, pp. 203-213.
- ETCHEVARNE, Carlos (2011) – Cerâmica vermelha fina do século XVII, em Salvador da Bahia, *Clio Arqueológica*, 26-1, pp. 09-20.
- ETCHEVARNE, Carlos e SARDINHA, Olinda (2007) – A cerâmica vermelha fina do Convento de Sant'Anna (Lisboa), no acervo do Museu Nacional de Arqueologia, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série IV, 25, pp. 345-372.
- FERNANDES, Isabel C. e CARVALHO, A. Rafael (2003) – A louça seiscentista do convento de Alferrara (Palmela), *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Porto, pp. 231-252.

- FERREIRA, Manuela Almeida (1994) – Vidro e Cerâmica da Idade Moderna no Convento de Cristo, *Mare Liberum*, Lisboa, 8, pp. 117-201.
- FERREIRA, Manuela Almeida (1995) – O Barroco na cerâmica doméstica portuguesa, *Actas das 1as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Porto, pp. 151-161.
- FOLGADO, Deolinda; RAMALHO, M. M. (2000) – Cerâmica comum fina de finais do século XVI-XVII: inovação ou tradição?, in CUSTÓDIO, Jorge (ed.), *Casa do Brasil / Casa Pedro Álvares Cabral*, Santarém, pp. 39-60.
- GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana; MENDES, H.; PINTO, P.; GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. (2009) – Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo de S. Jorge, Lisboa, *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval*, Ciudad Real-Almagro, II, pp. 653-672.
- GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; GUERRA, Sandra; CALÉ, Henrique; RIBEIRO, Susana; PINTO, Paula; VALONGO, António; PIMENTA, João (2005) – Cerâmicas medievais de Lisboa – continuidades e rupturas, in BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina, *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*, Palmela, pp. 221-236.
- GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; VALONGO, António; PINTO, Paula; GUERRA, Sandra; RIBEIRO, Suzana; MENDES, Henrique; PIMENTA, João (2009) – Cerâmicas medievais provenientes do Beco do Forno – Castelo de S. Jorge, *Actas do VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo*, Ciudad Real – Almagro, II, p. 955-962.
- GOMES, Paulo D. (1996) – O livro de cozinha da Infanta D. Maria, *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, Barcelos, 1, pp. 93-104.
- LARRAZABAL GALARZA, Javier (2013) – Uma taça de cerâmica fina procedente do convento franciscano de Santo António de Ferreirim (Lamego), *Al-Madan On-line* 2ª série 18-1, pp. 118-124.
- LEAL, Catarina e FERREIRA, Manuela (no prelo) – *Cerâmica Comum de Paredes Finas*.
- PAIS, Alexandre; PACHECO, António; COROADO, João (2007) – *Cerâmica de Coimbra, do século XVI-XX*, Lisboa.
- PACHECO, Milton P. D. (2009) – *Por detrás de um Museu. O Paço Episcopal de Coimbra: história e memória*, Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.
- PORTOCARRERO, Gustavo (2014) – Cerâmica Medieval e Moderna Portuguesa (séculos XIII-XVII), in *8000 anos a transformar o barro. Cerâmicas do Museu Ibérico de Arqueologia e Artes de Abrantes – VI Antevisão (catálogo da exposição)*, Abrantes, pp. 76-98.
- RAMALHO, Maria M.; FOLGADO, Deolinda (2002) – Cerâmica modelada ou o requinte à mesa do Convento de S. Francisco de Lisboa, *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana de Almada*, Almada, pp. 247-268.
- REAL, Manuel L.; GOMES, Paulo D.; TEIXEIRA, Ricardo; MELO, Rosário (1995) – Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante-Porto: elementos para uma sequência longa séculos IV-XIX, *Actas das 1as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, pp. 171-186.



- REGO, Miguel e MACIAS, Santiago (1993) – Cerâmicas do século XVII do Convento de Sta. Clara (Moura), *Arqueologia Medieval*, 3, pp. 147-159.
- RODRIGUES, Patrícia (2008) – *Cerâmica engobada do tipo pseudo-sigillata*, Trabalho académico realizado no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha no âmbito do estágio opcional do curso de Arqueologia e História na FLUC. Policopiado.
- RODRIGUES, J. A. Severino (2017) – Cerâmica Fina da Idade Moderna: proposta de um novo conceito, *Al-Madan online*, 21-3, pp. 96-107.
- SANTOS, Patrícia Augusto (2008) – Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11-2, pp. 325-345.
- SARDINHA, Olinda (1990-1992) – Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo. 1. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos, *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 8/10, pp. 487-512.
- SARDINHA, Olinda (2013) – Considerações acerca da cerâmica pedrada e respectivo comércio, in *Velhos e Novos Mundos - Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa, pp. 789-796.
- SERRÃO, Vítor (coord.) (1993) – *Josefa de Óbidos e o tempo Barroco*, Lisboa: IPPC.
- SILVA, Ricardo C. (2013) – Primeira abordagem a um depósito moderno no Antigo Paço Episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro): a cerâmica desde meados do século XV à consolidação da Renascença, in *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa, pp. 877-890.
- SILVA, Ricardo C. (2015) – “Traços mouriscos” na cerâmica do século XV do antigo Paço Episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro), in GONÇALVES, Maria J.; GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana (eds.), *Actas do X Congresso Internacional – A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo (Silves/Mértola, 2012)*, Silves, pp. 924-927.
- SILVA, Ricardo C. (2016) – The Faience of the 2nd half of the 16th century at the Episcopal Palace of Coimbra (Portugal), in GOMES, R. V.; CASIMIRO T.M.; GOMES, M.V. (eds.), *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*, Lisboa, pp. 181-188.
- SILVA, Ricardo C. (2018) – Late 16th century glazed ceramics from Coimbra (Portugal), in KARAKAYA, D.; LITTLE, T. G. (eds.), *XIth Congress AIECM3 on Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics Proceedings*, Istanbul, pp. 407-411.
- SILVA, Ricardo C. (2019a) – *From the augustan forum to the episcopal palace of Afonso de Castelo Branco – an essay on urban archaeology in Coimbra*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 8).
- SILVA, Ricardo C. (2019b) – Lead-Glazed Ware from Coimbra (Portugal): 1550-1600, in BLAZCOVÁ, G.; Matejková, K (ed.), *Europa PostMediaevalis 2018: post-medieval pottery between (its) borders*, Archaeopress, pp. 181-190.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2003) – Olaria medieval e dos Descobrimentos do Vale do Tejo: um enquadramento, in SILVA, Raquel Henriques da; FERNANDES, Isabel Maria; SILVA, Rodrigo Banha da – *Olaria Portuguesa: Do Fazer ao Usar*, Lisboa, pp. 35-59.

- TEICHNER, Felix (2003) – Dois conjuntos de cerâmicas quinhentistas, provenientes do Convento de São Domingos e do claustro da Igreja de São Francisco, em Évora (Alentejo), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6-2, pp. 501-520.
- TORRES, Cláudio; PALMA, Manuel; REGO, Miguel; MACIAS, Santiago (1991) – Cerâmica islâmica de Mértola – propostas de cronologia e funcionalidade, in *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, pp. 497-536.
- TRINDADE, Ana Rita (2013) – Cerâmica dos séculos XV a XVIII do Convento de Santana de Leiria: história e vivências em torno da cultura material, in *Velhos e Novos Mundos – Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa, pp. 527-538.
- VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de (1921) – *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*, Coimbra: Imprensa da Universidade.

[texto escrito no antigo acordo]



FIG. 1 – Recipientes com superfícies alisadas, polimento externo e com pintura a branco.

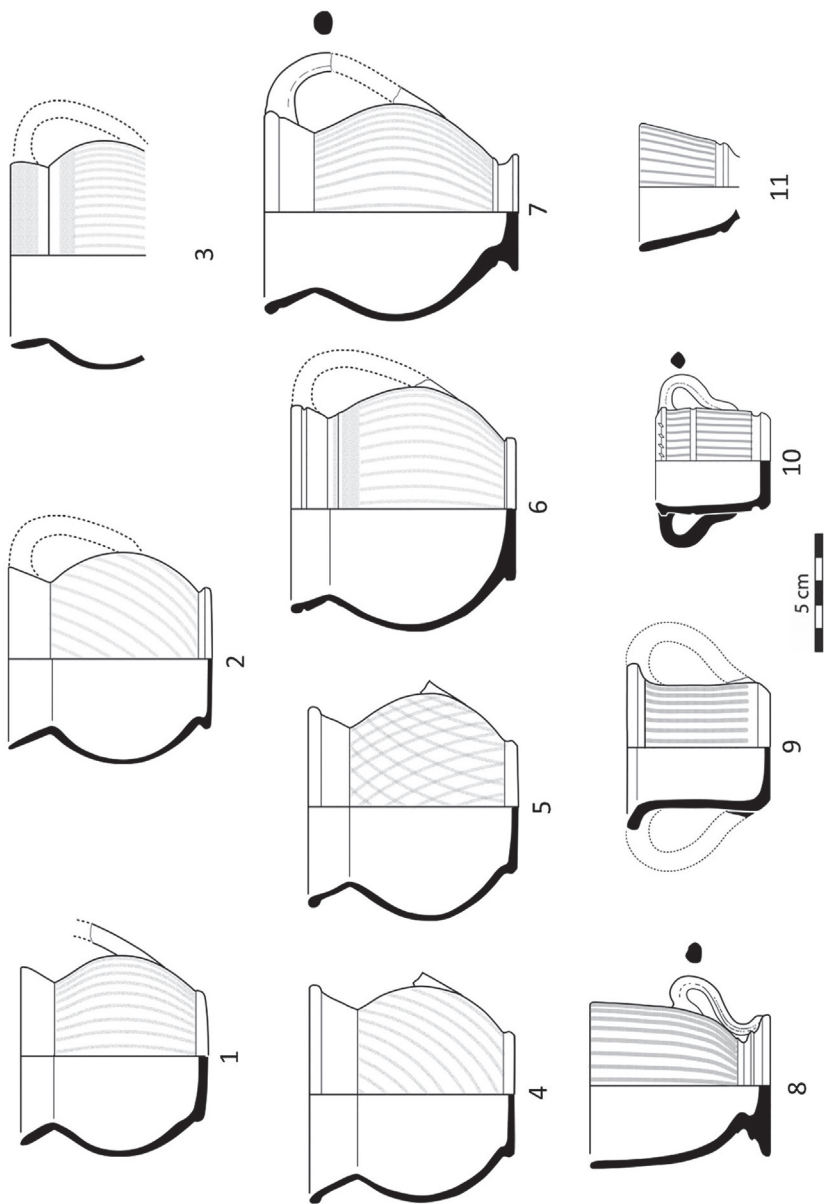


FIG. 2 – Recipientes com listas brunidas.



FIG. 3 – Recipientes com aguada de cor avermelhada (des. Sara Almeida).

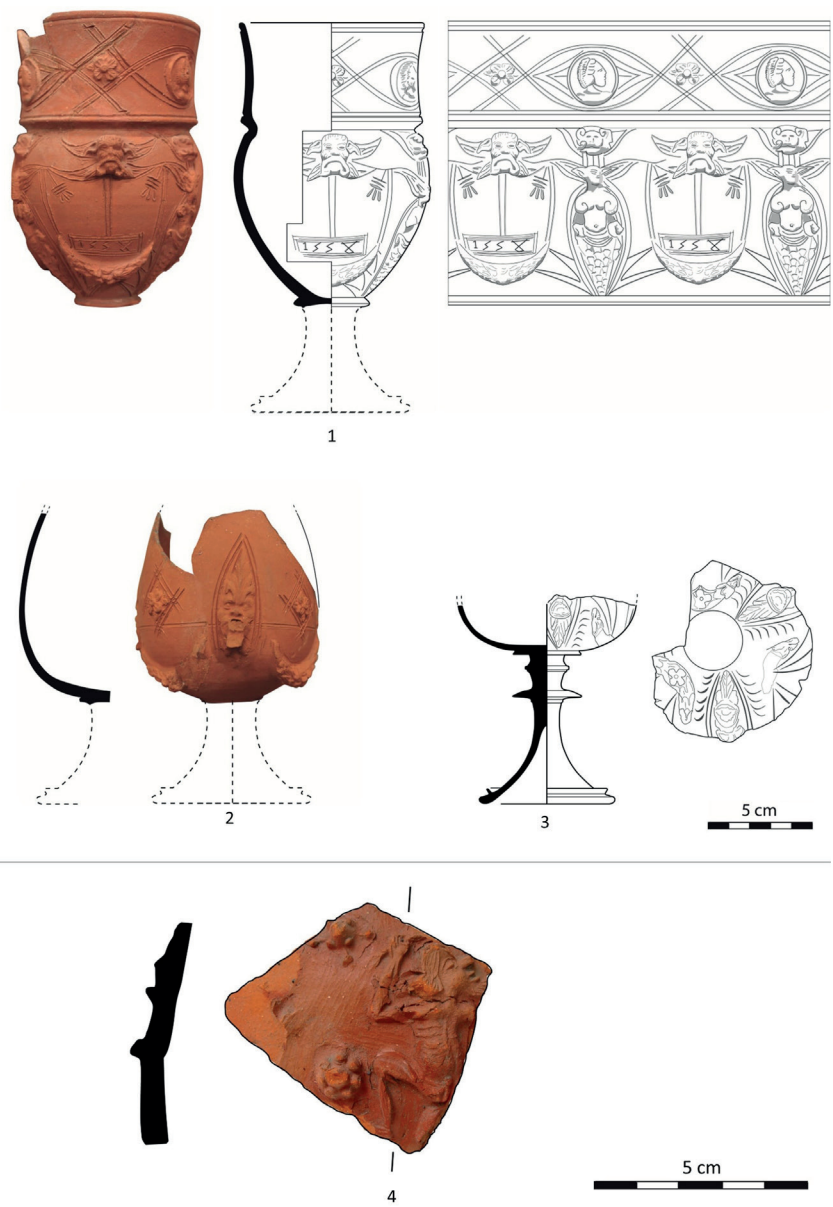


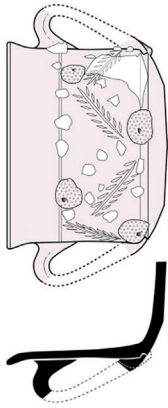
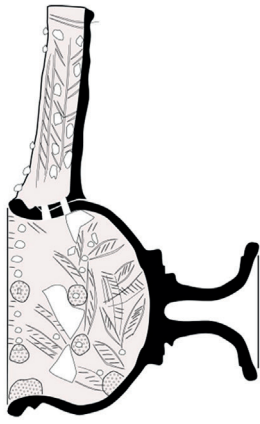
FIG. 4 – Cerâmica com decoração em alto-relevo (des. Sara Almeida).



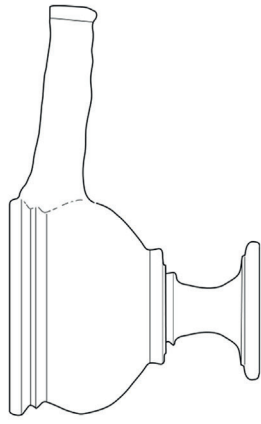
FIG. 5 – Cerâmica modelada (des. Sara Almeida).



1



2



3



FIG. 6 – Cerâmica empedrada (des. Sara Almeida).



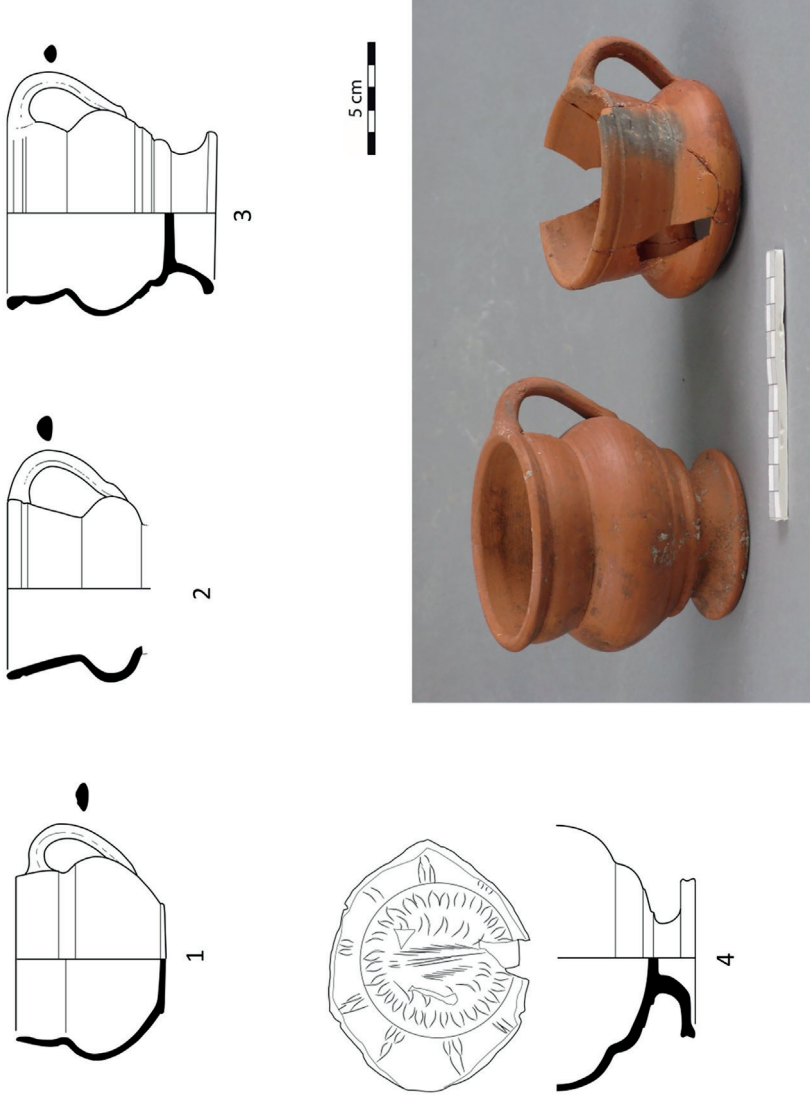


FIG. 7 - Cerâmica brunida ou com engobe brunido.



FIG. 8 – Ejemplos de recipientes de beber.













	Fase I	Fase II	Fase III	Fase IV
C. alisada				
C. pintada				
C. polida				
Listas brunidas				
C. aguada				
C. brunida				
C. relevo				
C. modelada				
C. pedrada				

FIG. 9 – Serviço de mesa (ingestão de líquidos): quadro evolutivo dos púcaros, pucarinhos, canecas, copos, taças de beber e cálices.